



# JORNAL OPÇÃO

46 Anos

busque aqui...

🕒 29/06/2022



☰ menu

/ Imprensa

## Análise

### O diagnóstico de autismo numa mulher adulta

quarta-feira 17 novembro 2021 7:20 ... Por Redação ...

**“Após meses de psicoterapia, cuidados médicos e apoio de familiares, foi possível chegar ao meu diagnóstico: sou autista. Sempre fui. Mas pude me nomear somente agora”, diz professora universitária**

**Renata Wirthmann e Andréia Vitor Couto do Amaral**

Qual a idade mínima para o diagnóstico do autismo? Existe uma idade máxima para o diagnóstico? Há quanto tempo existe o diagnóstico de autismo?

Essas perguntas estão interligadas. Nos últimos anos temos acompanhado um crescimento vertiginoso de diagnósticos de autismo em crianças, cada vez menores, tanto que calcula-se que 1 a cada 100 pessoas tenham TEA (Transtorno do espectro autista). Diante desses dados, a pergunta seguinte é: e os adultos? A grande parte dos autistas adultos de hoje estão sendo diagnosticados já na idade adulta, até porque quando estes eram crianças ainda não havia o entendimento que se tem hoje acerca do diagnóstico.

Importante, para quem desconhece o tema, fazer um breve apanhado histórico: Em 1943 Leo Kanner, nos EUA, descreveu pela primeira vez uma nova síndrome que ele

nomeou como “autismo infantil precoce”. Nessa mesma época, Asperger, na Áustria, criou um novo diagnóstico que levou seu nome: “Síndrome de Asperger”. Anos mais tarde, em 1952, tais síndromes entraram nos Manuais de Diagnósticos. Hoje, no DSM-V, o manual desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria, nomeia tal quadro como “Transtorno do Espectro Autista” (TEA).

Embora o termo autismo figure nas classificações psiquiátricas desde a primeira publicação do DSM, no DSM-I (1952) ele aparece apenas como um sintoma da “Reação Esquizofrênica, tipo infantil” e não como uma entidade nosográfica específica. No DSM-II (1968) o autismo aparece ainda como um sintoma, um comportamento autístico da esquizofrenia tipo infantil. O DSM-III (1987), entretanto, apresentou grandes modificações e o autismo aparece pela primeira vez como entidade nosográfica submetida à classe diagnóstica de “Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD”. Revista a terceira edição, o autismo passa a ser nomeado “Transtorno Autístico”. O diagnóstico de “Esquizofrenia tipo infantil” desaparece, sob a alegação de que é extremamente raro na infância. A partir daí, “o autismo se transforma num diagnóstico convencional na prática psiquiátrica, tornando-se mais comum ainda nos anos seguintes.” (R. R. GRINKER, 2010, pág.120). No DSM-IV (1994), o autismo aparece ainda dentro dos Transtornos Globais de Desenvolvimento – TGA, juntamente com o Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo e Transtorno de Asperger. Na última versão do manual americano, o DSM-V (2013), a nomenclatura do autismo é modificada para Transtorno do Espectro Autista. O termo espectro se justifica por envolver situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa gradação que vai de mais leve a mais grave, e abrange diferentes indivíduos em diferentes idades e ambientes.



Diante desse breve histórico é possível afirmar que as pessoas que nasceram antes de 1987 não poderiam ser diagnosticadas como autistas pois somente após essa data o autismo se tornou um diagnóstico específico. É importante

destacar ainda que no Brasil o tema só se tornou manifesto nas pesquisas e publicações nas últimas duas décadas, já no século XXI.

Por todos esses fatores os autistas adultos de hoje ainda estão, em sua grande maioria, sem diagnóstico. Lidando com as manifestações e sofrimentos decorrentes do autismo, mas sem saber nomear e, conseqüentemente, receber o tratamento adequado e se proteger adequadamente dos desgastes advindos dos desafios do TEA.

Partindo do olhar da psicanálise sobre o funcionamento da sociedade e as preocupações acerca diagnóstico e dos tratamentos do autismo, percebemos, ao mesmo tempo, um enorme desespero e desamparo frente ao crescente número de autistas associado a uma busca desesperada de tratamentos que leva a um deslocamento desorganizado de um tratamento a outro, de uma medicação a outra, de um profissional a outro, além de uma mistura de técnicas científicas com crenças religiosas mescladas com modismos que se proliferam a partir das redes sociais. O resultado disso é que cada paciente tem se transformado num ser anônimo, estatístico e padronizado. Vemos esse apagamento acontecer com os sujeitos autistas, que estão deixando de ser vistos como sujeitos, restando apenas, o autismo.

Além dos psicanalistas, os próprios sujeitos autistas começaram a se preocupar com tamanho reducionismo. A primeira a escrever sobre si como autista foi Temple Grandin em 1986. Em 2013 ela decide publicar mais um livro sobre o assunto para todos os autistas, pais e profissionais. Sobre tais rótulos ela diz: “esse tipo de pensamento é preso a rótulos porque as pessoas ficam tão preocupadas com a palavra que já não veem a coisa em si (...) não se preocupem com o rótulo. Diga-me qual o problema” (GRANDIN, 2013, p. 112).

Os rótulos podem atrapalhar o tratamento, os vínculos afetivos e sociais, as capacidades educacionais e os deveres e direitos políticos e sociais, ou seja, podem agravar ainda mais o que já é sintoma do próprio autismo. Assim, embora o diagnóstico seja necessário e contribua a este processo de rotulação, é fundamental que se reconheçam os limites deste.

Diante de tudo isso, recebi a carta de uma mulher que se descobriu autista na pandemia e, por todos os aspectos citados acima, gostaria de compartilhar:

### **A invisibilidade da mulher no espectro**

Primeiro minha trajetória pessoal e profissional. Tenho 44 anos, sou casada e tenho um filho de 25 anos. Sou professora da Universidade Federal de Jataí (UFJ) desde 2011, médica veterinária formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em 1999, mestre e doutora em Ciência Animal pela UFG e possuo dois pós-doutorados, um pela UFG em Ciência Animal e outro pela Unesp em Cirurgia Veterinária, todos com ênfase em oftalmologia veterinária. Também fiz Residência em Clínica Médica de Pequenos Animais, de 2000 a 2002, período em que essa modalidade de pós-graduação existia em poucas instituições federais no país, com grande concorrência. Fui aprovada em primeiro lugar na Escola de Veterinária da UFMG, a mais conceituada em nosso meio, com conceito 6 pelo MEC.

Sou orientadora de mestrado em Biociência Animal da UFJ e de iniciação científica, publiquei mais de 70 artigos científicos publicados e 30 livros ou capítulos de livro, tornando-me uma das pesquisadoras mais produtivas da instituição onde trabalho. Fui a primeira diretora do Hospital Veterinário da Regional Jataí, responsável por toda sua regulamentação e funcionamento; coordenadora Geral Stricto Sensu da Regional e Coordenadora do Mestrado em Biociência Animal.

Agora a trajetória do Espectro. Com poucas estereotipias mas com muitas hipersensibilidades sensoriais e alimentares, sempre consegui me camuflar na sociedade: observando e reproduzindo o padrão social considerado normal. Podia descrever de cor e com detalhes todas as estruturas oculares, mas não conseguia manter o olhar nos olhos do outro, então aprendi a ministrar aulas e palestras olhando para um ponto fixo e vazio.

Apesar do meu esforço de me camuflar na “normalidade”, algumas características despertavam a irritação de muitas pessoas. Os exemplos mais cotidianos eram meu hiperfoco e a minha comunicação direta e sem rodeios. O que para muitos era interpretado como uma sinceridade grosseira era, na verdade, uma incapacidade de entender o contrato social implícito nas relações interpessoais que moldam as interações e exigem uma filtragem entre o que se pensa e o que se fala.

Meu hiperfoco me trouxe enormes vantagens na minha vida acadêmica pois me levava a realizar todas as tarefas com impecável zelo. Entretanto, nas relações interpessoais, trouxeram proporcionais prejuízos, pois a insistência e perfeccionismo do espectro são opostos ao manejo político das instituições, incluindo a UFG e a UFJ.

Diante do meu percurso de vida percebo que eu, uma mulher dentro do Espectro do Autismo, poderia passar a

vida toda sem diagnóstico, sofrendo as consequências das manifestações do Espectro, sem saber nomear ou compreender a causa de tamanho mal-estar. Eis por que foi tão importante, para mim, saber meu diagnóstico e, agora, socializar esse diagnóstico.

Sou uma mulher adulta, autista e capaz. Sempre considerada inteligente e com uma vida acadêmica plena. Aprendi a falar em público, me tornei professora e pesquisadora e faço isso tudo com excelência, como tantos outros indivíduos no Espectro. Frequentemente, pessoas TEA (Transtorno do Espectro Autista) são indivíduos sem qualquer deficiência intelectual. Muitas vezes, inclusive, com inteligência acima da média, com prejuízos discretos ou até mesmo ausentes da sua linguagem funcional. Podem ter dificuldade na comunicação ou nas interações sociais, entretanto, são capazes de reproduzir atitudes sociais comuns, tornando-se completamente imperceptíveis, invisíveis quanto ao espectro e à neurodiversidade, entretanto essa camuflagem exige um grande esforço e geram um quadro de constante angústia e fadiga.

Na minha história de vida só após o diagnóstico de TEA é que pude perceber os prejuízos ocasionados pelo desconhecimento dos meus sintomas. O exemplo mais claro, na minha história, se deve ao encontro de duas manifestações do TEA: a falta de filtro social na fala associada a incapacidade de identificar sarcasmo, ironia e, sobretudo, mentira e manipulação. Essa combinação me leva a me expor em situações que podem gerar problemas e a entrar sem perceber e, portanto, não encontrar recursos para identificar e sair de relações abusivas ou violentas.

Essas duas manifestações do TEA me acompanham a vida toda, mas nunca havia me colocado numa situação de tamanho adoecimento como nos últimos anos. Lutei junto com professoras e alunas para resolução de casos de assédio e estupro no curso de medicina veterinária da UFG de Goiânia e na UFG- Regional Jataí, hoje UFJ. Em consequência desse difícil e longo processo acentuaram as dificuldades interpessoais no ambiente de trabalho. Tais dificuldades foram intensificadas ainda mais pela pandemia, pelo desafio do trabalho remoto e, finalmente, pela morte de familiares. Fui atropelada por um conjunto de problemas maiores que minhas capacidades de camuflar minhas manifestações autísticas, consequentemente, minhas estereotipias, medos e prisões mentais ficaram incontroláveis, chegando ao colapso. Desse colapso veio meu diagnóstico. Do meu diagnóstico, esse texto, meu testemunho.

Após meses de psicoterapia, cuidados médicos e apoio de familiares, foi possível chegar ao meu diagnóstico: sou autista. Sempre fui. Mas pude me nomear somente agora.

### Andréia Vitor Couto do Amaral

No espectro desde 1977, com diagnóstico em 2021.

**Renata Wirthmann** é professora-doutora de Psicologia da UFCAT e **Andréia Vitor Couto do Amaral** é professora-doutora de Medicina Veterinária da UFJ.



## 52 respostas para “O diagnóstico de autismo numa mulher adulta”



1. *Luana* disse:

quinta-feira 18 novembro 2021 16:05 às 4:05:00 PM  
Nossa que impressionante essa história, me identifiquei muito, só não tenho toda essa formação acadêmica. Onde encontrar ajuda?

Responder



- *dienisonprestes@gmail.com* disse:  
terça-feira 30 novembro 2021 21:18 às 9:18:16 PM  
Parabéns pela reportagem, espero que se torne um espelho para ambos enxergarem seu reflexo e refletir

Responder



2. *Narivânia Leite* disse:

quinta-feira 18 novembro 2021 23:20 às 11:20:37 PM  
Boa noite, fiquei fascinada em saber da sua trajetória de vida... aplausos para você.  
Tenho um filho de 15 anos com TEA , foi diagnosticado aos 2 anos e 5 meses. Ele não está alfabetizado 100% , não sabe ler muito bem ainda, mais é um excelente desenhista.  
Eu acredito nele e sei que meu filho irá se sobressair muuuuito bem nas diferenças sociais, eu só quero que ele se sinta feliz .

Responder




- *Jurema* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 7:38 às 7:38:45 AM  
Vc quer que seu filho de 2 anos saiba ler?

Responder




- *Fernanda* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 11:28 às 11:28:22 AM


Jurema, o filho dela tem QUINZE anos, tá escrito ali.

3.  *Mariana Baez* disse:  
domingo 21 novembro 2021 0:20 às 12:20:27 AM  
De extrema importância o depoimento da Professora Andréia. Viver em sociedade já não é fácil e, conviver sem se ter noção sobre si e as causas dos seus comportamentos, torna tudo muito mais difícil. Graças a Deus ela teve apoio familiar e, finalmente conhecer o diagnóstico, deve gerar uma sensação de alívio.


Responder

4.  *Maria Aparecida* disse:  
segunda-feira 22 novembro 2021 9:29 às 9:29:24 AM  
Que bom, que vc pode ter um diagnóstico, e que continuará sendo uma excelente profissional, parabéns e siga em frente!! Os autistas, são pessoas muito enriquecedoras, nas vidas de quem os compreende!!!


Responder

5.  *Joseane de Freitas* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 7:23 às 7:23:19 AM  
Bom dia! Obrigada por seu testemunho, muito esclarecedor. Difícil identificar esse diagnóstico principalmente na fase adulta, que bom que vc conseguiu. Tem muitas mulheres adultas vivendo o autismo sem nem saber que é autista. Parabéns pelo seu sucesso profissional, que bom que vc avançou sempre, isso mostra o potencial dos autistas, pois todos são capazes. Obrigada pelo seu testemunho


Responder

6.  *Mariana klemz de Almeida* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 8:24 às 8:24:27 AM  
Muito boa matéria....muitas pessoas são autistas ...sofrem sem saber...

Responder

7.  *Marilda Martins Soares* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 9:06 às 9:06:30 AM  
Maravilhoso depoimento. Altamente esclarecedor, que vem levantar a questão de que ainda estamos muito distanciados de conhecer as nuances mais sutis, nem por isso menos difíceis ao paciente, do espectro autista. Obrigada por partilhar.

Responder

8.  *ADRIANE GIGANTE* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 9:14 às 9:14:14 AM  
Estimada Professora,

CONGRATULAÇÕES E PAZ

Que luta! Quanta proeza!

Grata por compartilhar.

Quero que saiba que eu te entendo.

Ofereço-lhe minha solidariedade e esperança.

---

\*site ainda não publicado.

Respeitosamente,

Adriane Gigante

Responder



9. *Hauzely Hauer* disse:

terça-feira 23 novembro 2021 10:57 às 10:57:41 AM

Adorei ler sua carta, com certeza ajudará muito as pessoas buscarem seu próprio diagnóstico e perceber que ele não é um rótulo mas sim um guia libertador que lhes possibilitará se auto perceber, proteger e interagir. Com as ferramentas adequadas para isto. Parabéns.

Responder



10. *Cristina Maria Gomes Silva* disse:

terça-feira 23 novembro 2021 11:33 às 11:33:27 AM

Excelente texto e muito bom seu testemunho a este respeito. Identifiquei-me e enxergo as mesmas dificuldades no ambiente de trabalho, resguardando certas diferenças. E é incrível ver como os outros, sem que saibam ou percebam, exijam de nós comportamentos que nos fogem ao controle.

Responder



11. *Aurita Santos Tomaz* disse:

terça-feira 23 novembro 2021 12:49 às 12:49:02 PM

Simplesmente linda a sua história de vida!!Tenho um filho no aspecto com „18 anos lindo, inteligente e com essas mesmas características que vc descreve,,,Mega Parabéns pela coragem e por ser incrivelmente inteligente!!!!

Responder



12. *ANNA CHRISTINA DE LUCENA* disse:

terça-feira 23 novembro 2021 13:03 às 1:03:46 PM

Somos duas. Passei num concurso difícil, Auditora Fiscal do Trabalho, mas sempre fui autista desde pequena, com dificuldades de relacionamento e com todas as citadas aqui. Sobrevivi e descobri recentemente que faço parte do espectro.

Responder



13. *Claudio Gavette* disse:


terça-feira 23 novembro 2021 13:05 às 1:05:31 PM

Dra. Andréia Vitor Couto do Amaral, sempre suspeitei de meu autismo, suas palavras acentuaram o que desconfiava,




e os processos de interação social que me são tão distantes.


Responder

14.  *Euzinha Sincera* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 13:10 às 1:10:26 PM  
Tenho minhas ressalvas sobre estes diagnósticos de pessoas especiais, na verdade eu acho que todos nós somos bons em algo e falhamos em outras coisas. Então talvez os “não autistas” tenham arrumado um jeito de rotular e segregar pessoas que poderiam superá-los em sua inteligência e competência, ocupando cargos de liderança e trazendo uma reflexão melhor sobre os valores do ser humano. Talvez aí não teríamos “ídolos” não autistas com cérebros minúsculos como Anitta, Felipe Neto, cantores de funk, Programas estilo BBB, Exploração da miséria popular, programas de exploração da violência e crimes, etc....


Responder

-  *Marta* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 5:56 às 5:56:28 AM  
Será se são cérebros minúsculos?  
Sabe quantos degraus Anita tinha que subir e descer na comunidade onde morava, para chegar até a escola?  
Eu odeio funk, mas se vc resolver um dia visitar ou estagiar em uma comunidade vai ver como é imenso o cérebro das pessoas que superam tudo aquilo e conseguem, o que 80% dos brasileiros não conseguem.  
Pré conceito não tem nada a ver com o tema.


Responder

15.  *SHIRLEY KARLA DA SILVA* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 13:49 às 1:49:46 PM  
Meu nome é Shirley karla, tenho 52 anos e ao ler o artigo me emocionei bastante, o relato da Andreia Vitor parecia se misturar com a história de vida do meu filho Artur de 32 anos... Como gostaria de conversar mais com vocês duas. Parabéns pelo excelente artigo!!!

Responder


16.  *Sandra Macedo* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 13:52 às 1:52:20 PM  
Obrigada por compartilhar suas experiências é as situações que vc passou  
Serve de ajuda para muitas pessoas  
Deus abençoe grandemente

Responder


17.  *ANTONIO ERNESTO DA SILVA* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 13:56 às 1:56:22 PM  
Meu neto de 3 anos tem altíssimo estou muito Preocupado está entrando em tratamento com forno e psicologia.

Mas sinto que ele é. Muito inteligente.  
Mesmo assim está me tirando o sono de tanta preocupado  
que estou.  
Ele. é uma criança muito linda .


Responder

18.  *Luciana* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 14:15 às 2:15:18 PM  
Obrigada por compartilhar.


Responder

19.  *Ana D. Magalhães* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 14:30 às 2:30:47 PM  
Boa tarde!  
Esse relato me trouxe um misto de emoções porque tenho  
um filho de 19 anos autista. Ele criança, eu me desdobrei  
para que meu filho, ao menos, se alfabetizasse já que sua  
capacidade limitada na comunicação verbal era uma enorme  
barreira. Consegui(mos) com mediação e hoje João cursa o  
ensino médio. Agora, meu desafio atual é prepará-lo para  
viver numa sociedade que usa e abusa de mensagens  
subliminares. Entretanto, o “camuflar-se”, como pontuado  
pela Dra Andreia, é tão difícil quanto o contato físico, para o  
meu filho. Temo pelo esgotamento dele daqui a uns anos.  
Obrigada pelo texto tão esclarecedor.


Responder

20.  *Elaine Oliveira* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 15:47 às 3:47:28 PM  
Excelente depoimento de Andreia Vitor Couto do Amaral , é  
muito importante e esclarecedor este relato/ depoimento  
para os familiares e amigos de pessoas com TEA. Nos ajuda a  
entendê-las e nos qualifica para  
contribuir com a nossa compreensão, carinho,dedicação.  
Parabéns e obrigado.


Responder

21.  *Jane Marcelino Rondão* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 15:58 às 3:58:02 PM  
Boa tarde. Ótima matéria. Gostaria de saber qual  
especialidade de médico faz o diagnóstico de autismo.  
Att.,  
Jane Rondão


Responder

22.  *Daniela Aparecida da Silva Oliveira* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 16:07 às 4:07:55 PM  
Incrível sua história! Emocionada em saber quanto vc  
conquistou e lutou em silêncio com seus medos e seus  
conflitos pessoais. Sou mãe de autista e estou aprendendo  
todos os dias...


Responder

23.  *Joelma Ribeiro* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 16:42 às 4:42:01 PM  
Quê médico consultar pra diagnóstico adulto?


Responder

24.  *Regina Maura* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 17:28 às 5:28:49 PM  
Muito obrigada pela matéria! Esplêndido! Sou pedagoga e tenho pesquisado muito sobre o assunto, além de fazer cursos e busco me especializar em neuropsicopedagogia, devido as necessidades latentes de informação e esclarecimentos sobre os transtornos e dificuldades de aprendizagem no desenvolvimento humano. As crianças sofrem, quando rotuladas de incapazes e ou indisciplinadas, por falta de conhecimento nesta área de desenvolvimento. Lamentável!


Responder

25.  *Rose* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 17:49 às 5:49:31 PM  
E muito duro ler estás palavras pois tudo o que vc passou e passa, espero que vc se recupere rápido.as vezes eu também acho que tenho algum distúrbio. Vou ao médico. Obrigada


Responder

26.  *Júlio César do Rosário marques* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 18:23 às 6:23:50 PM  
Eu sempre foi uma pessoa diferente , dentifico como autismo.


Responder

27.  *ANTONIETA MARIA RIZZO ARAUJO* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 18:45 às 6:45:15 PM  
Por incrível que pareça, leio este relato com a satisfação de estar me identificando com todo o processo. Poucos aspectos diferem do meu caso. Sou também professora Universitária atuei em duas Universidades de grande relevância no meu estado e só agora encontrei uma respostas aos meus questionamentos. Durante a pandemia. Antonieta Rizzo.


Responder

28.  *Sebastião* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 19:29 às 7:29:11 PM  
O relato desta professora é estimulante para recorrermos às contribuições de Frances Tustin em seu livro "Barreiras autistas em pacientes psiconeuroticos". Autora esquecida é importante para o entendimento da patologia autista.


Responder

29.  *Valéria Bezerra* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 19:43 às 7:43:10 PM  
Que história linda. Muito orgulho de vc Andreia


Responder

30.  *Yolette BBarboza* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 19:50 às 7:50:28 PM  
Eu também tenho a impressão de que tenho um pezinho no TEA. Mas aos 68 anos, isso não faz mais diferença. Levo tudo ao pé da letra, não gosto que me toquem, tenho poucas emoções, se nenhuma e sinto como se observasse a vida, inclusive a minha, de fora.

Responder

-  *Angela* disse:  
terça-feira 30 novembro 2021 23:41 às 11:41:22 PM  
Eu também sou assim nenhum remédio até hj nuca fez efeito. Faço tratamento psiquiátrico tomo rdio.pra.depresao calmante e pra dormir .eu não suporto psicólogo ,já fui dada como bipolar, síndrome do Pânico, agora esquizofrenia afetiva. Sou uma.pessoa que as vezes faço muitas coisas depois não lembro de nada sou .pessoa muito sozinha preciso de ajudar ainda por cima síndrome do ninho vazio isso e a pior coisa do mundo.como posso ter ajuda .não tenho condições financeiras para custear um tratamento.me.orientem por favor  
Esquici de falar minha idade eu tenho 54 anos. Muito obrigado

Responder

31.  *Aloísio* disse:  
terça-feira 23 novembro 2021 19:54 às 7:54:22 PM  
Tenho 66 anos, e hoje desconfio que sou portador de TEA. Desde pequeno fui considerado como esquisito pela minha família. Chamado de retardado mental, desligado, desunido, etc. . Tenho algumas dificuldades em lidar com aglomeração, reuniões, interação com outras pessoas. Tenho a tendência de me isolar, e pouco participar de conversas, evitar diálogos. Isto durante muito tempo tem sido um pouco angustiante para mim. Comecei a prestar mais atenção nesta minha forma de ser, quando minha filha me perguntou se eu já tinha procurado alguém que pudesse me ajudar, poi ela achava que eu tinha, mesmo que de forma branda, transtornos se espectro autista. Recentemente, conversei sobre isto com o psiquiatra e com a psicóloga com os quais recebo acompanhamento. O psiquiatra falou-me que eu deveria não me preocupar com isto pois, com a minha idade, 66 anos, seria difícil diagnosticar; que isto deveria ter sido observado quando eu era vem mais novo. Ele também falou que eu, durante toda minha vida, estudei, trabalhei constituí família, e se, caso eu tenha algum nível de

TEA, deveria eu continuar vivendo a minha vida, sendo como sou, sem me importar muito com o que pensem ou falem do modo que sou.

Responder



• *Renata Wirthmann* disse:

sexta-feira 26 novembro 2021 21:35 às 9:35:07 PM

Olá Aloísio, tudo bem?

Não concordo com a posição dos profissionais que te atenderam. Saber, ao menos um pouquinho mais sobre si, é um dos trabalhos da análise ou da psicoterapia e, vez por outra, esse saber sobre si, inclui o diagnóstico. Tenha a liberdade de procurar nosso atendimento gratuito da UFCAT, basta entrar em contato por whatsapp com o CEAPSI (64-34415349) e procurar pelo meu projeto com autismo (PROFA. Renata Wirthmann). Abraço grande

Responder



32. *Luzinete* disse:

terça-feira 23 novembro 2021 20:22 às 8:22:23 PM

Adorei esse texto. Tenho 43 anos, me super identifiquei com sua estória, sinto

que também tenho TEA. Sempre estive tentando me camuflar para não ser notada, mas, isso tem me afetado demais, pois, por mais que eu tente me tornar invisível para não ser notada, sinto uma imensa falta de ter pessoas ao meu redor, uma sensação de está sempre excluída me acompanha...

Responder



33. *ANDREIA VITOR COUTO DO AMARAL* disse:

sexta-feira 26 novembro 2021 15:58 às 3:58:15 PM

Meu agradecimento ao Jornal Opção, por publicar minha carta, permitindo assim que mais pessoas possam ser diagnosticadas, auxiliando na descoberta e na compreensão do seu espectro.

Responder



34. *Eurídice de paula Pinheiro* disse:

sexta-feira 26 novembro 2021 21:51 às 9:51:54 PM

Não são os autistas que são inadequados para esse mundo e sim o contrário! Quem dera se tivéssemos menos filtros, menos malícia mais verdade e objetividade nessa vida! Minha filha está no tea e o que mais temo é o risco de relações abusivas pela dificuldade de não perceber o sarcasmo e malícia! Aos que postaram como se fosse tarde para qualquer intervenção....por favor não se enganem! Procurem profissionais bem informados qualquer tipo de habilidade pode ser aprendida! Deus nos proteja a todos!

Responder



35. *Izilda kda meneghell* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 18:52 às 6:52:57 PM

Ótimo seu depoimento ..tenho gêmeos cm 33 anos e TM o diagnóstica de Asperger ..que foi descoberto já na idade adulta ..fazem tratamentos e levam vida quase normal cursaram universidade de ADM e comércio exterior falam três idiomas e a vida segue ..amei seu depoimento...

Responder



36. *Simoni Rabelo Carvalho* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 19:42 às 7:42:51 PM

Sei bem como é o autismo meu filho tem 11 anos e desde 1 ano percebi o transtorno, corri atrás de ajuda e recebemos o diagnóstico e mais tarde o laudo de autismo, graças a Deus tive apoio de profissionais que me ajudaram no desenvolvimento dele, ele fala muito bem, escreve, lê..se não há cura chegaremos perto...

Responder



37. *Maria Júlia Gerhardt* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 19:54 às 7:54:33 PM

Obrigada por este depoimento, tive um namorado por dois anos e 7 meses e sempre desconfiei de que era autista, nada do comportamento dele tinha explicação conhecida . Neste tempo com ele, não entendi nada, impressionante. Tenho agora quase certeza de que sim, ele deve ser autista. Que difícil isto.

Responder



38. *Sandra Reverso* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 21:33 às 9:33:15 PM

Estamos vivendo a era do autismo e lendo o depoimento da professora acredito que temos um pouco deste transtorno. Vamos ter que aprender a conviver e ter empatia pelas pessoas portadoras destas características.

Responder



39. *Maria Inês* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 21:53 às 9:53:58 PM

Nunca li um texto tão profundo sobre TEA, se tinha alguma dúvida, agora tenho certeza: meu marido, meu filho e meu neto são portadores desse transtorno. Isso me causa um sofrimento imenso. A convivência é difícil eles recebem muito muitas críticas pois as pessoas que estão ao redor não entendem e não acreditam que esse comportamento é um transtorno e que eles sofrem muito.

S

Responder




40. *Gervalina Soares de Andrade* disse:

terça-feira 30 novembro 2021 23:20 às 11:20:45 PM


Me identifiquei nesse testemunho. Sou professora de Ensino Fundamental, e tenho características como não gostar de

barulho, fixar num ponto, ao conversar, para evitar olhar nos olhos, a sinceridade exagerada faz parecer grosseira, não gosto de alterar rotina...


Responder

41.  *Rosa Mattos* disse:  
terça-feira 30 novembro 2021 23:46 às 11:46:26 PM  
Quantas pessoas estão por aí camufladas , tentando sobreviver com suas limitações . Dífícil seguir carregando suas limitações , não ter a empatia das pessoas e também receber um diagnóstico errado . Tive muita dificuldade na aprendizagem ,eu caso acredito que sofri um transtorno , camuflei ...tinha habilidade em desenho . Meu caderno impecável, aluna copista...


Responder

42.  *NAUCIMAR DA SILVA MOTTA* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 0:07 às 12:07:09 AM  
Inspiradora sua história. Tenho um filho de 4 anos e foi diagnosticado com TEA com 2 anos. Ele tem toda a intervenção de profissionais como fono, terapia ocupacional, psicóloga, equoterapia, para se desenvolver. Ele ainda não fala e tem dificuldade de se relacionar com outras crianças. Ouvir uma história como a sua me trás esperança de ver meu filho independente e feliz. Obrigada


Responder

43.  *DANIEL RIBEIRO JANSEN FERREIRA* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 0:24 às 12:24:27 AM  
Fui diagnosticada quando adulto, mas ao contrário da mulher da reportagem, não tenho vida normal. Tenho mais ou menos a mesma idade dela, fiz Mestrado, trabalho, mas não tenho filhos e nunca namorei ninguém. A demora no diagnóstico do meu autismo me prejudicou bem mais que a média das pessoas.

Responder

44.  *Luciano* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 5:34 às 5:34:44 AM  
Sou policial e tenho plena convicção que tenho TEA. Meu filho mais velho tem e possui as mesmas estereotipias que eu, conseguimos sim reproduzir um padrão esperado pela sociedade mas o gasto energético é imenso, cansativo. Amei sua história e gostaria muito de poder abraçá-la.

Responder

45.  *Gilbertojr* disse:  
quarta-feira 01 dezembro 2021 11:06 às 11:06:42 AM  
Super importante a parte sobre o reducionismo. Algumas clínicas antigas querem transformar o autista como uma pessoa "normal e padrão". Já outras querem desenvolver suas habilidades pessoais e únicas e ajudar no processo de

sanar os problemas dentro do seu espectro pessoal. Tenho uma filha autista (6 anos), e sei que se ela é falha e algum ponto (no caso, motor fino, escrever, força nos dedos) em outro ponto, o do seu hiperfoco, ela é maravilhosa (línguas e comunicação). Amenizar os problemas e desenvolver suas habilidades, para mim esse é o caminho, e para os profissionais que a tratam e ajudam, também.

Responder



46. *Cris* disse:

quarta-feira 01 dezembro 2021 14:12 às 2:12:37 PM

Tenho uma filha de 19 anos está na universidade .

Se dá muito bem na escrita ou por detrás de um computador, mas o presencial é sempre um desafio muito sofrido.

Tanto pra mim qto pra ela.

Ela sabe que é diferente. Por orientação da psicóloga e psiquiatra ela não sabe do diagnóstico .

As vezes me questiono se ela soubesse que tem Síndrome de Asperger. Seria melhor?

Responder

## Deixe um comentário

O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com \*

Comentário \*

Nome \*

E-mail \*

Site

Esse site utiliza o Akismet para reduzir spam. [Aprenda como seus dados de comentários são processados.](#)